



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

## “A CIDADE VIRA UM MANTO VERMELHO”: RELAÇÃO ENTRE COTIDIANO E FESTA NO PELOURINHO, SALVADOR

*DEBORA SIMÕES DE SOUZA MENDEL*<sup>1</sup>.

**Resumo:** A Festa de Santa Bárbara inaugura o calendário das chamadas Festas de Largo de Salvador, que acabam quando se dá o início do carnaval. Oficialmente, as festividades do dia 4 são organizadas pela Irmandade da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos; porém, por meio da etnografia, é possível traçar uma complexa rede de pessoas que se unem, momentaneamente ou não, para fazer a festa. Observa-se um conjunto diferenciado de ações: a) ações individuais: promessas e/ou favores; b) ações institucionais: alianças institucionais, como por exemplo, com a Secretaria Estadual de Cultura e com o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC), na Bahia; c) ações coletivas: campanhas realizadas na Igreja. As comemorações ocorrem em diferentes espaços: ruas, casas, mercados e templos, onde circulam diversos objetos: santinhos, ervas, flores, comidas, bebidas; em suma, os caminhos que as pessoas e as coisas percorrem criam novos sentidos. Este trabalho objetiva promover uma reflexão em torno das discussões sobre as transformações sociais advindas dos novos usos das cidades contemporâneas. Esse é um campo em que os patrimônios materiais e imateriais dialogam e, conseqüentemente, se torna complexa a concepção de tempo e de espaço. Tanto o tempo e espaço do cotidiano como também o tempo extraordinário; ou seja, o da festa. O festejo em questão é registrado como Patrimônio Imaterial do Estado desde 2008 e o Centro Histórico foi tombado como Patrimônio Histórico brasileiro em 1984, reconhecido no ano seguinte pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como Patrimônio Cultural da Humanidade.

**Palavras-chave:** Pelourinho, Salvador, Festa de Santa Bárbara, patrimônio, espaço.

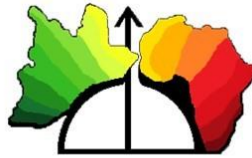
### 1. Introdução

Minha relação com a cidade de Salvador é relativamente recente, começou em 2012, quando lá permaneci para fazer minha pesquisa de mestrado<sup>2</sup>. Cheguei à cidade sem referência prévia de amigos, colegas ou conhecidos, havia somente trocado e-mails com um representante da instituição onde faria parte da pesquisa.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/ Museu Nacional (MN). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: debora.simoess@gmail.com.

<sup>2</sup> No mestrado pesquisei o Ofício das Baianas de Acarajé, em Salvador. No doutorado estou pesquisando a Festa de Santa e de Iansã na mesma cidade.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Por coincidência, o dia seguinte à minha chegada seria a festa do Dois de Julho<sup>3</sup>, Independência do Estado da Bahia. Confesso, com tom de constrangimento, que até o momento desconhecia a história da Independência da Bahia e só ao participar das comemorações tive dimensão da importância dessa data para a história local.

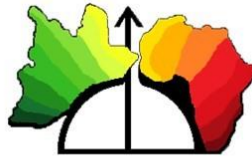
De modo geral, o Dois de Julho é composto por um destile cívico que começa no Pelourinho e termina na Praça do Campo Grande. Em todo o percurso, policiais protegem as estátuas do caboclo e da cabocla. No decorrer do cortejo, acontecem algumas paradas até o seu ponto final, na praça onde ocorreu uma encenação teatral, que conta com uma representação de Dom Pedro II, a guerreira Maria Quitéria, cavalaria e soldados. Na representação, há a presença de políticos: prefeito, governador e secretários. Percebi um espaço propício para práticas religiosas e enfrentamentos políticos.

Não apresentarei uma descrição desse festejo, mas é interessante notar que a primeira vez que estive no Pelourinho foi num dia de festa. Por esse motivo, havia uma lógica do uso do espaço específico. Na época, meu tema de pesquisa não era festa; porém atualmente é. Não o Dois de Julho, mas a Festa de Santa Bárbara em Salvador a qual me dedicarei neste artigo.

A festa será um pano de fundo e a cidade o cenário principal, mais especificamente, o Pelourinho e seu entorno. Desejo realizar uma reflexão da cidade, ou melhor, das relações sociais e os diversos usos do espaço no período extraordinário da festa. Não

---

<sup>3</sup> Em dois de julho de 1823, a Bahia conquistou a independência, depois de uma longa guerra contra o exército português. O marco foi a chegada do Exército Libertador, vindo do Recôncavo da Bahia até a cidade de Salvador. No ano seguinte, na mesma data, grande parte da população, marcadamente negra e mestiça, saiu às ruas para festejar o feito, como apresentou Santos (1995, p. 31), em sua pesquisa sobre a festa. O recorte temporal, analisado pelo autor, começa no século XIX e termina nos dias atuais, percorre o caminho dos conflitos da população local contra o legado português: a “lusofobia”, passando pela inserção e o fortalecimento da figura do caboclo na festa, “A Festa do Caboclo”, como popularmente é chamado o Dois de Julho, até o crescimento dos devotos do candomblé nesse festejo. As transformações dos desfiles cívicos e as manifestações religiosas nessa data são apresentadas pelo autor, tanto por meio de reportagens de jornais do século XIX, quanto por relatos presenciados no decorrer do trabalho de campo.



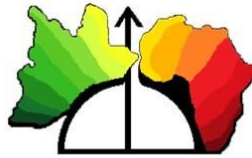
SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

estou preocupada em definir a cidade a partir do número de habitantes, de sua densidade ou de seus aspectos físicos; se bem que as definições de cidade alta e baixa são importantes para pensar as relações sociais construídas historicamente em Salvador.

A análise empreendida aqui se aproxima das experiências de trabalho de campo e como estas influenciam meu pensamento sobre a vida urbana. Como indiquei anteriormente, entendo a cidade em processo; ou seja, a cidade vivida (AGIER, 2011). A cidade a partir das interações entre os indivíduos e suas experiências de cidade. Esta não é aqui concedida como ‘uma coisa’ que eu consigo circunscrever como ‘um objeto’, que apreendo em sua totalidade. O objetivo não é descrever ruas, praças, prédios, mas sim complexificar os diversos usos que os cidadãos fazem em diferentes momentos. Todavia, não é somente um trabalho de campo em que apresento as experiências das pessoas; apresento também minhas experiências como pesquisadora que vivencia a cidade em um processo complexo de alteridade. Não observo blocos de concretos agrupados que seguem ordenamentos arquitetônicos urbanísticos, mas sim situações sociais em determinado contexto.

Agier (2011) fornece pistas que sintetizam os caminhos que busco percorrer, o autor parte de duas operações de ordem epistemológica fundamental a uma antropologia da cidade, conhecida como aplicação de antropologia social e simbólica dos espaços atuais: primeiro, conforme sinalizado anteriormente, retirar o ponto de análise da cidade e passar para os cidadãos, – Agier parafraseou Clifford Geertz para enfatizar sua posição a qual compartilho, “ver a cidade como vive, olhando-a por cima do ombro dos cidadãos” –; outro ponto é transportar a problemática do objeto para o sujeito; ou seja, da descrição da cidade – um fundamento inatingível e normativo – para a questão sobre o constitui a cidade. Com esse olhar, o próprio ser da cidade emerge, assim, não como um elemento, mas como um “*processus*, humano e vivo, cuja complexidade é a própria matéria da observação, das interpretações e das práticas de ‘fazer cidade’” (AGIER, 2011, p. 38-39).



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

No caso específico, é fazer a cidade num determinado momento, o momento festivo em contrapartida do cotidiano. Não como uma simples oposição, mas como a cidade é transformada tanto no dia a dia como na festa, a depender dos usos que os grupos fazem desse espaço. Aliás, privilegiarei a ideia de território, tendo em vista as discussões conceituais em torno das noções de espaço e território, que são tão caras para diversos campos de conhecimento das ciências humanas.

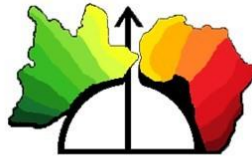
A Festa de Santa Bárbara/lansã não se limita ao dia 4 de dezembro, ela é construída tanto antes - com diversos preparativos - como depois, com objetos deixados pelas ladeiras do Pelourinho que sinalizam resquícios de festejos, e nas falas das pessoas que comentam sobre a festa, com suas impressões e comparações com o ano anterior.

## **2. O dia 4 de dezembro: o perigo da descrição**

No Brasil, Santa Bárbara é protetora dos mercadores, vendedores de fogos, baianas de acarajé, bombeiros, entre outros. No dia 4 de dezembro, nas ladeiras do Pelourinho, milhares de pessoas festejam Santa Bárbara, as ruas enfeitadas com as cores vermelha e/ou branca saúdam a santa do dia. Atualmente, a festa, que é organizada pela Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, começa logo cedo, com alvorada de fogos, missa campal e procissão<sup>4</sup>. A missa é celebrada em um palco posicionado em frente à Fundação Casa Jorge Amado e localizado na Praça José de Alencar, a qual é conhecida como Largo do Pelourinho. Após a missa, os devotos acompanham uma procissão. Mas Santa Bárbara não está sozinha; na procissão, se

---

<sup>4</sup> Com o seguinte percurso: Rua Gregório de Mattos, Largo Terreiro de Jesus, Praça da Sé, Rua da Misericórdia, desce a Ladeira da Praça, parando no Corpo de Bombeiros e seguindo pela avenida J. Joaquim Seabra (conhecida como Baixa dos Sapateiros), mais duas paradas rápidas ainda na Baixa dos Sapateiros, nos Mercados de São Miguel e Santa Bárbara, respectivamente, entra na rua padre Agostinho, chegando ao ponto inicial. <sup>5</sup> De acordo com o levantamento bibliográfico, os santos que acompanham a dona da festa podem variar, encontrei referências que indicam a presença de Santo Antônio de Categeró, santo que tem grupo de devoção na Igreja do Rosário, São Benedito e Nossa Senhora da Guia.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

juntam a ela: São Jorge, Miguel Arcanjo, São Jerônimo, São Lázaro, São Sebastião e São Cosme e Damião<sup>5</sup>.

A partir do parágrafo anterior, que tenta sintetizar um primeiro olhar sobre o que é a festa, há diversos pontos que devem ser problematizados com base no trabalho de campo e nas reflexões teóricas. A cidade muda por causa dos usos que os sujeitos fazem dela nesse dia. Se no dia anterior havia pessoas que transitavam pelas ladeiras, grupos de turistas, comerciantes, pessoas indo para o trabalho; no dia 4, os presentes estavam usando aquele espaço a partir de outras lógicas: da diversão, da sociabilidade e da devoção. Algumas diferenças são facilmente identificáveis, mudam as cores, a quantidade de pessoas, os objetivos e as formas com que elas se relacionam entre si e com o espaço.

A própria dinâmica de funcionamento da Igreja muda. Em um dia comum, não estaria aberta, nem tão pouco enfeitada com flores nas cores que representa a santa homenageada. Logo após a porta da Igreja, uma barraca oferecendo banho de folhas e logo ao lado um comerciante ambulante com objetos religiosos (fitas, guias, chaveiros etc.). Nos dias cotidianos, as pessoas passavam sozinhas, por motivos diversos, geralmente os grupos eram de turista; no dia festivo, as pessoas se encontravam e ficavam juntas, o que tornava minha presença como pesquisadora sozinha, estranho.

Novos cheiros, sons, cores, enfim, as ladeiras ganham novos elementos para um uso também diferenciado. O Pelourinho, nesse dia, não é mais lugar de passagem, ou espaço de passeio turístico, e sim um espaço de devoção e diversão. As varandas dos prédios em torno da Igreja ganham espectadores curiosos e, em uma varanda de um prédio específico estrategicamente escolhido, uma banda com instrumentos musicais que respondem ao padre no decorrer da missa. Nas mesmas varandas, *banners* com a imagem da santa e os objetos relacionados a ela: torre, espada e cálice. Na definição do jornal A Tarde: “O Pelourinho vestiu-se de vermelho e branco ontem para homenagear Santa Bárbara, guerreira, que também é lansã no



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

sincretismo religioso” (A Tarde, 1994). Já uma devota de Santa Bárbara, que participa da festa há mais de 40 anos destacou, em entrevista para essa pesquisa, que é o dia 4 é o momento em que “a cidade vira um manto vermelho”.

A cidade muda, mas os corpos também mudam: transes, risos, choros, orações, danças, enfim, atos e ações próprios do momento festivo. Se no cotidiano as pessoas ocupam esse espaço com conversas baixas e sorrisos discretos, no momento da festa isso muda. Não se pode falar baixo, pois senão você não é ouvido, ou por causa da fala do padre, ou depois por conta das músicas, ao longo de toda à tarde. Há diversas apresentações de bandas locais em palcos montados em diferentes espaços do Centro Histórico.

Diversos usos da cidade e suas modificações aludem à ideia já indicada anteriormente, da relação entre espaço e território. O espaço está relacionado à estrutura física e seus arranjos e o território, a uma conformação de subjetivação tanto individual quanto coletiva. Segundo Guattari (1985), o espaço atua como correspondência extrínseca em relação aos objetos que ele possui, à medida que o território atua em uma forma intrínseca com a subjetividade que o define. Contudo o autor destaca que essa definição não é fixa: “como no decorrer da história ou por ocasião de algum procedimento atual a gente desterritorializa territórios existenciais, distendendo-os em espaços lisos” (GUATTARI, 1985, p. 110).

O parágrafo que inaugurou essa parte do texto, como qualquer tentativa de síntese, excluí diversos aspectos. Não se comemora Santa Bárbara só no Pelourinho, no bairro da Liberdade<sup>5</sup> onde há uma Igreja<sup>6</sup> para a santa, também há comemorações. É uma festa que está fora do circuito turístico e da mídia, diferentemente da Igreja do

---

<sup>5</sup> O Bairro da Liberdade fica na periferia e teve, por muitos anos, o título de bairro com maior concentração de população negra fora do continente africano, ele ficou conhecido como “bairro negro”. Destaco dois trabalhos que trabalham, em certa medida, com o bairro: a dissertação *Corações Rastafari: lazer, política e religião em Salvador*, de Olívia Cunha e o livro *Anthropologie du Carnaval*, de Michel Agier.

<sup>6</sup> Igreja Católica Independente do Brasil.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Rosário dos Pretos e de suas respectivas atividades inseridas no calendário oficial da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, que, além de suas festas, tem também a tradicional “Terça da Bênção”<sup>7</sup>, com várias atividades culturais; entre elas, a benção na Igreja em questão.

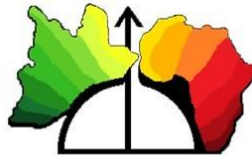
Nessa perspectiva, a relação turismo e políticas públicas é de fundamental importância, e como tal deve ser problematizada. O 4 de dezembro inaugura o calendário da Festa de Largo da cidade de Salvador; a partir desse marco, uma festa é construída e divulgada pelos órgãos oficiais de políticas públicas culturais. O papel da mídia nesse processo também é importante, não é por acaso que a festa, que ocorre no mesmo dia no bairro da Liberdade, é excluída dos meios de comunicação de massa.

O Pelourinho é um *locus* privilegiado para o turismo, os grupos de turistas constroem e fazem parte da construção desse espaço. Eles, em sua maioria, desejam consumir os signos que representam a imagem construída de uma Bahia onde a negritude e a religiosidade afro<sup>8</sup> são fundamentais. Featherstone (1995), em sua análise sobre culturas da cidade e uma mudança pós-moderna, fornece pista para pensar as experiências turísticas nas novas cidades e a emergência de novas formas de consumo.

---

<sup>7</sup> Às terças-feiras, o dia é mais movimentado nas ladeiras do Pelourinho, principalmente por grupo de turistas que escolhem o dia estrategicamente, pois há “missa afro” e, logo após, ou simultaneamente, ensaios/shows de grupos de percussão, alguns ligados a projetos sociais e shows com outros estilos musicais. A programação musical pode variar, mas tudo previamente divulgado na internet, sobretudo nos sites da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (Secult-BA) e do Projeto Pelourinho de dia e de noite, da prefeitura de Salvador. Os *blogs* de viagem, ao apresentarem a cidade, enfatizam a terça-feira no Pelourinho como imperdível.

<sup>8</sup> Em um trabalho anterior, discuti a relação entre religiosidade e turismo étnico em Salvador. Nesse momento, a obra *Reinvenções da África na Bahia*, de Patrícia Pinho, foi importante, posto que a autora trabalhou com a criação e difusão de símbolos da cultura negra. Pinho (2004) entrevistou indivíduos norte-americanos que viajam para a Bahia em expedições em busca das tradições africanas ainda vivas nesse Estado. Segundo ela, para os turistas norte-americanos, a Bahia tem um significado próprio no conjunto das rotas trilhadas pelos turistas. Bahia, tal como Cuba e Haiti, é um ‘lugar de encontrar as tradições africanas’, que eles compreendem como



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

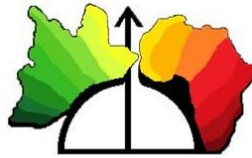
Existem, portanto, características comuns entre os *shoppings centers*, grandes galerias, museus, parques temáticos e experiências turísticas na cidade contemporânea, nos quais a desordem cultural e o ecletismo estilístico tornam-se aspectos comuns de espaços onde se pretende construir o consumo e o lazer como 'experiências'. Como observa Lefebvre, na cidade contemporânea, temos 'consumo de espetáculos, espetáculo de consumo, consumo de signos, signos de consumo' (FEATHERSTONE, 1995, p. 147).

A relação entre espetáculo/consumo de signos aludida na citação vai ao encontro do movimento de consumo de signos que observo nos turistas no Pelourinho. Eles adquirem experiências que vão além de uma simples visita a prédios e a museus históricos, e levam em seus corpos marcas dessa experiência que, em certo sentido, tenta recriar um estilo de vida do baiano. É muito comum avistar pessoas com tranças, comendo acarajé, dançando, praticando capoeira, batucando, enfim, um conjunto de capital cultural próprio de uma cidade pósmoderna. Ao consumir o conjunto de objetos, sensações e experiências, eles estão construindo significados para aquele espaço.

O que está em jogo na análise de Featherstone (1995) é uma mudança de paradigma. O autor inicia o capítulo discutindo os sentidos do conceito de cultura na pós-modernidade. Partindo do pressuposto que as cidades sempre tiveram culturas, ele pressupõe que isso leva há duas concepções da ideia de cultura: a primeira ligada aos modos de vida; ou seja, o sentido antropológico; e a cultura ligada às artes da elite, logo, a alta cultura. O autor acaba por defender uma sobreposição das fronteiras entre as duas noções de cultura, esse processo levou a um conjunto de fenômenos denominados como culturais, extrapolado a alta cultura, incorporando um vasto conjunto de culturas cotidianas e populares no qual quase todo artefato ou experiência podem ser vistos como interesse cultural.

Frúgoli e Sklair (2009), em seus estudos sobre o possível fenômeno da *gentrification* no bairro da Luz em São Paulo, sublinham as investigações do movimento de





SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

gentrification “sendo tradições que teriam sido ‘preservadas’ entre os negros brasileiros e ‘perdidas’ entre os negros norteamericanos” (PINHO, 2004, p. 51).

Em Salvador<sup>9</sup> e em Recife, que são cidades conhecidas pela riqueza dos patrimônios históricos e por políticas públicas de intervenções promovidas pelo Estado, direcionadas principalmente ao incentivo do lazer, consumo e turismo, que geralmente envolve capital privado com alianças entre grandes empresas e órgãos do Estado. Por meio desse processo, surgem novas formas de apropriação social que sinalizam novos usos marcados por uma elite econômica por meio do consumo, mas que se entrecruzam com diferentes “ocupações dos espaços públicos por parte das classes populares, várias delas recriadas a partir de tais intervenções” (FRÚGOLI; SKALAIR, 2009, p. 121).

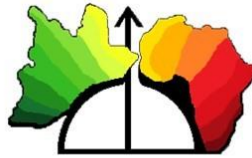
Sobre o mesmo processo, em outro contexto histórico e geográfico, Featherstone explica que trata-se de um movimento que pode ser entendido no contexto pós-moderno em que o foco está na reorganização das relações socioespaciais, por meio de novas formas de investimento que acabaram incrementando tendências e um movimento de um novo desenvolvimento de áreas urbanas centrais.

Esse processo supõe a desindustrialização das áreas urbanas centrais e portuárias, que são reocupadas por membros da nova classe média e desenvolvidas como locais de turismo e consumo cultural. Ao mesmo tempo, a classe trabalhadora e os pobres, que anteriormente residiam nessas áreas, são expulsos ou encaminhados a outros redutos (FEATHERSTONE, 1995, p. 150).

Ao examinar o processo de produção de sentido que os turistas fazem do Centro Histórico, penso nas relações de poder impostas pelo capitalismo e pelo consumo que produzem as normas (as ditas e as não ditas). Logo, reflito sobre os limites impostos

---

<sup>9</sup> Sobre o processo de *gentrification* no Pelourinho, ver: RIBEIRO, Daniel de Albuquerque. *Gentrification* no Parque Histórico do Pelourinho. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, Salvador, 2011.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

aos usuários de drogas que ocupam o mesmo (que na verdade é outro) espaço que os turistas. Há espaços “públicos” que os primeiros não podem sequer sentar, como, por exemplo, as escadas da Fundação Casa de Jorge Amado<sup>10</sup>. Os classificados como desordeiros são rapidamente excluídos antes que a desordem possa perturbar os outros<sup>11</sup>.

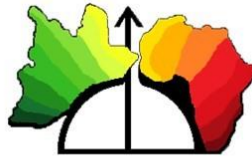
Com base no trabalho de campo de 2015, esbocei análises preliminares sobre a política e a festa, sobretudo, no movimento de regulamentação/organização do espaço público da festa. Fechamento de ruas no entorno, contingente de polícias, montagem de palcos, licenças para vendedores ambulantes, enfim, uma série de medidas que são realizadas pelos os órgãos municipais e estaduais. Um conjunto de negociações entre os organizadores da festa na Igreja e representantes do poder público que ocorre na época dos preparativos. Em contrapartida, e não é por acaso, Jorge Portugal, atual secretário de cultura do Estado falou na missa em homenagem à Santa Bárbara; porém, não vou me aprofundar nessa questão, apenas destaco a relação entre espaço e poder e que, a depender do objeto que é colocado, ele delimita as ações dos sujeitos e pode recriar outros meios para subjetivar o espaço.

O momento festivo coloca em evidência o campo de relações sociais e políticas intensas; em outras palavras, a partir do momento lúdico, é possível refletir sobre as estruturas sociais e o suposto equilíbrio entre Igreja e Estado, ou entre os próprios devotos da Irmandade. Mitchell (2010) parte do lúdico; ou seja, da dança *kalela* e o relaciona com a complexa estrutura social urbana da Rodésia do norte. No início do texto, o autor estabelece a relação de seu método com o empregado por Gluckman na sua Análise de uma situação social na Zululândia Moderna. Primeiro, Gluckman (2010) descreve cuidadosamente uma cerimônia de inauguração de uma ponte. Posteriormente, ele separa os aspectos importantes da situação e, então, os insere

---

<sup>10</sup> No cotidiano, sobretudo na terça-feira, o policiamento é mais intensivo nas mediações da Fundação Casa Jorge Amado, no Largo do Pelourinho.

<sup>11</sup> Geralmente, os usuários de crack concentram-se na Praça da Sé, ou em menor quantidade no Largo Terreiro de Jesus ambos no Pelourinho.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

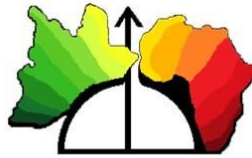
ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

na estrutura social mais ampla para constatar seu significado na cerimônia que havia descrito.

A partir do modelo proposto por Gluckman, Mitchell inicia seu texto com uma descrição da dança *kalela* e, assim, relaciona suas características ao sistema de relações entre africanos no Cinturão de Cobre. A partir da dança, o autor analisa a sociedade da Rodésia do Norte, sobretudo, as relações entre brancos e negros, as relações de produção no meio urbano, os trânsitos entre urbano e rural e a noção de tribalismo. Por meio de uma análise problematizada das posições espaciais que determinadas pessoas ocupam durante o ritual religioso (a missa no dia 4), é possível discutir as relações de poder, tendo como referência os estudos de Gluckman; porém, não percorrerei esse caminho aqui. Tanto Gluckman quanto Mitchell fizeram contribuições para os estudos de ritual, antes deles as análises de ritual se limitavam ao contexto religioso; os autores apresentam a possibilidade de estudar política como ritual.

Bela Feldman-Bianco (2010) apresenta a Escola de Manchester, com suas preocupações teóricas e metodológicas; demarca, sobretudo, as diferenças entre esta e o funcional estruturalismos. Gluckman foi o precursor da Escola de Manchester, os trabalhos presentes na coletânea em que a autora escreve a introdução, são produzidos entre as décadas de 1950 e 1980 (com exceção do estudo de Gluckman publicado em 1940). Para FeldmanBianco a Antropologia se transformou; pois passou a se preocupar com as sociedades contemporâneas e os conflitos oriundos dos processos de crescente migrações do campo para a cidade e o surgimento de novas nações (pós-coloniais). A pergunta mudou, se antes era: Como a sociedade se mantém? Agora é: Como a sociedade se transforma? Nesse contexto, são importante categorias como: indivíduos enquanto atores sociais; estratégias; ações; mudança social; análise situacional e grupos. Nessa mudança de paradigma antropológico está em destaque a cultura enquanto processo.

Retomando meu argumento com o desejo de sintetizá-lo, destaco que não estou interessada na festa em si, mas nas relações estabelecidas; ou seja, nas criações,



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

usos e desusos do espaço no tempo da celebração. Não estou interessada na festa como um objeto circunscrito, mas nas relações sociais construídas para a que a festa ocorra. De fato, não acredito que estou falando de festa no singular, mas sim de festas, pois há um conjunto diversificado de práticas festivas acontecendo simultaneamente no Pelourinho.

Para efeito de organização, dividi a festa em festas: a festa na rua (1), a festa no Corpo de Bombeiros, a festa no Mercado de Santa Bárbara e a festa na rua (2). A festa na rua (1) compreende a missa, procissão e retorno a Igreja do Rosário, a festa no Corpo de Bombeiros, abarca outra missa (a pessoa que assiste à missa na Ladeira não assiste no quartel), entrada dos santos da procissão e distribuição de caruru, que ocorre depois que a procissão deixa o quartel. A festa no Mercado acontece simultaneamente e no decorrer do dia há: samba de roda, visitação à capela da santa e distribuição de caruru. A festa na rua (1) encontra com a festa no Mercado, no momento em que a procissão e a santa param em frente ao Mercado. O que denominei de festa na rua (2) é a segunda parte do dia, momento em que as portas da Igreja já estão fechadas e ocorrem apresentações musicais em diferentes palcos espalhados pelo Centro Histórico. Em termos gerais, apresentei categorias analíticas com o intuito de sistematizar as diferenças dos momentos festivos.

As diferenciações aqui apresentadas servem, entre outras coisas, para marcar que os frequentadores vivem o dia festivo de maneiras diversas e também transformam os espaços a partir das suas práticas. Defendo a concepção de que o espaço é conflitivo e fluído. Linda McDowell (2000), no seu estudo sobre os vínculos entre enfoques geográficos e estudos feministas, propõe que o lugar é (re)definido pelas práticas socioespaciais, as relações sociais de poder e de exclusão. Assim sendo, os espaços se cruzam e sobrepõem e seus limites são variados e flexíveis (McDOWELL 2000, p. 15).

Mais uma vez nos distanciamos da noção de cidade enquanto objeto circunscrito nos aspectos externos às relações dos sujeitos, ou mesmo, a ideia de cidade como um



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

sistema fechado, como proposto por Wirth (1938); em suas palavras: “uma cidade pode ser definida como um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos” (p. 95). Em certo sentido, as características da vida na cidade para Wirth é o oposto da sociedade de *folk*. Redfield (1947)<sup>12</sup>, forte representante da Escola de Chicago, também concentra sua atenção na relação entre sociedade comunal (sociedade de *folk*) e sociedade urbana.

A procissão começa na Igreja e termina no mesmo local com um breve sermão do padre e música (som de atabaques). Parece obvio, mas vale indicar que as pessoas não participam de todas as festas, tanto porque alguns momentos se sobrepõem, quanto por motivos pessoais. Encontrei pessoas que só participaram da missa e depois foram trabalhar, outras só chegaram para os shows, outras que passaram o dia no mercado, enfim, são inúmeras formas de relação com a festa. Nesse sentido, defendo que a festa configura uma experiência própria de tempo e espaço, o tempo e o espaço da festa são criados para e pela festa, não a festa em si, mas as relações sociais que são estabelecidas para fazer a festa acontecer. O espaço e o tempo são as principais dimensões da vida humana (CASTELLS, 2000).

O cortejo tem duas grandes paradas: quartel dos Bombeiros e mercado da santa. Na primeira, todos os santos entram no pátio; já na segunda não, a parada acontece na porta do mercado e o padre Lázaro, responsável atualmente pela Igreja do Rosário, cumprimenta a organizadora da festa no mercado, dona Isabel.

Outro ponto importante sobre os usos da cidade são os nomes que são atribuídos pelo poder público, a Prefeitura e os nomes que as pessoas utilizam. Um exemplo é

---

<sup>12</sup> Redfield estava interessado, nos seus 30 anos de pesquisa, na transformação social da sociedade de *folk* para a sociedade urbana; seu objetivo foi acompanhar, durante 30 anos de pesquisa, a sociedade tradicional. Para o autor, a sociedade de *folk* era perfeita e, conseqüentemente, o oposto da sociedade moderna. Seus estudos tiveram início na década de 1920 e tinham como objetivo explicar os modos de vida, e fez isso entrando em contato com diferentes sociedades *folks* pelo mundo.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

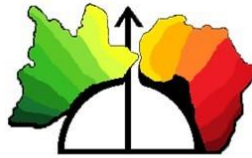
a Avenida Joaquim Seabra por onde a procissão passa, lá não encontrei ninguém que a chamasse dessa forma, todas as referências eram a Baixa dos Sapateiros.

### 3. Construindo as redes

As comemorações em homenagem à Santa Bárbara acontecem a partir de redes estabelecidas entre os devotos e entre a Igreja (os devotos, irmãs e irmãos da Irmandade e frequentadores) e o poder público municipal e estadual. No mercado, existe outra rede que envolve os mercadores, devotos e frequentadores, lá dona Isabel, atual organizadora da festa, é um ponto central. As redes são construídas e mantidas por ações individuais: promessas e/ou favores; ações institucionais: alianças institucionais, como por exemplo, com a Secretaria Estadual de Cultura e com o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC), na Bahia.

Não existe apenas uma teoria das redes sociais. Barnes foi o primeiro a trabalhar mais especificamente com a noção da rede em seu estudo, em uma pequena comunidade na Noruega, publicado em 1954. O autor estudou sistemas pequenos, mas negava o estrutural funcionalismo tão utilizado na época. A concepção de redes formulada por Barnes serviu de ponto de partida para outros trabalhos, principalmente para o estudo de Elizabeth Bott sobre as famílias na Inglaterra. Mitchell (1969) sistematiza os estudos e seus respectivos autores que foram influenciados pela ideia de rede social de Barnes, sobretudo os da Escola de Manchester; porém, cada pesquisador utilizou tais concepções da sua própria maneira. Mitchell diferencia a noção de rede como categoria analítica do uso metafórico.

Bott (1976) apresenta um estudo comparativo da relação entre a segregação de função conjugal e os pontos de ligação da rede para cada uma das famílias, marcadas como um sistema social. A autora identifica que os relacionamentos sociais externos do conjunto das vinte famílias adquirem a forma de uma rede e não a forma de um grupo ordenado. Em um grupo ordenado, os sujeitos membros constituem um todo social mais amplo, tendo metas comuns, funções interdependentes e uma subcultura



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

própria. Já na constituição de uma rede, apenas alguns, e não todos, sujeitos membros possuem relações sociais uns com os outros.

Um ponto substancial na análise de Bott (1976, p. 76) são os níveis de “conexidade” das redes e conseqüentemente a criação das categorias analíticas: “malha estreita” e “malha frouxa”. A “malha estreita” é usada para descrever uma rede que têm muitas relações entre as unidades componentes, já “malha frouxa” é empregada para descrever uma rede em que têm poucos relacionamentos deste tipo. A autora desvincula as relações sociais das classes sociais, o fator classe não é autoexplicativo. Ela destaca os códigos de conduta, as relações parentais e os trânsitos sociais; em sua concepção nem tudo se resolve pelas redes.

Adrian Mayer ([1966] 2010) é outro autor que não poderia ficar de fora do debate sobre rede, especialmente por causa da sua apresentação e discussão em torno do conceito de quase-grupo, com base no estudo de caso de uma campanha e uma eleição na cidade de Dewas, na Índia. O autor cita, diversas vezes, Bott e Barnes com suas respectivas formulações sobre ideias de rede para então estruturar sua própria análise que é baseada nos conceitos de: “quase-grupos” e “conjunto-de-ação”.

Aqui utilizo a ideia que a rede tem uma natureza finita; porém, a partir dela, se pode dar atenção especial aos múltiplos vínculos sociais. Mas as ligações entre as pessoas são diversas e com diferentes significados. Minha concepção é que Santa Bárbara é o ponto central em outras redes de coisas e pessoas, ela é o ego, pois conecta à rede (EPSTEIN, 1969). Tal concepção se aproxima da definição de Mitchell, já que está centrada nas relações e nos vínculos das pessoas, que não são iguais; em outras palavras, as pessoas não participam das redes da mesma maneira e nem com a mesma intensidade, nem com os mesmos valores.

No Mercado de Santa Bárbara, há um esforço coletivo para a realização da distribuição de caruru. De acordo com dona Isabel, um conjunto de pessoas ajuda, em suas palavras: “tem, sempre tem os filhos dela [lansã] mesmo ajudam, um traz um



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

quiabo, um traz um saco de quiabo, traz um arroz, outro traz outra coisa”. Ainda sobre as doações para a festa, dona Isabel citou a ajuda concedida pelo Centro de Culturas Populares e Identitárias (CCPI), ligado ao Governo do Estado. Segundo ela, o Centro ajuda com uma verba que não cobre todos os gastos. Se por um lado há uma rede de devotos que doam (tanto por agradecimento, quanto por promessa), há também um conjunto de serviços e produtos que são pagos. Sobre a participação do CCPI e as despesas da festa, dona Isabel apresenta:

Essa ajuda assim eles dão, mas não é uma ajuda total, é como se chama uma ajuda mesmo para fazer a comida de lansã. Porque a festa de lá [do Mercado] se divide em duas etapas: Santa Bárbara na capela e a comida de lansã, que é o caruru. Tem uns três anos, mais ou menos, que eles ajudam. [...] Dão uma verba, mas não cobre as despesas, porque as despesas são muito grandes. Esse ano, a despesa de lá foi assim uma faixa de uns 15 mil reais aquela festa que você viu ali.

Estão incluídos nos 15 mil reais o serviço da floricultura; os músicos que tocam os atabaques e cantam; as pessoas que fazem as comidas dos orixás e o despacho da rua; as pessoas que preparam o caruru que é distribuído, entre outras atividades.

Já na festa organizada pela Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, há outras redes, a primeira entre os devotos e a segunda de pessoas que têm algum cargo na hierarquia da Igreja e representantes do poder público. A Igreja também promove a distribuição de caruru; porém, em outro dia e em outros moldes<sup>13</sup>. Para a realização do caruru da Igreja, as irmãs passam uma lista, antes das missas, que contém todos os ingredientes (as pessoas colocam o nome ao lado do elemento que irá doar e entregam a alguma irmã num dia de missa). Se por ventura faltar algum ingrediente, as próprias irmãs compram na véspera. São elas que preparam e distribuem o caruru.

---

<sup>13</sup> A distribuição de caruru aconteceu na primeira quarta-feira depois da festa, no pátio, na parte de trás da Igreja do Rosário.





SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Representantes da Igreja e dos poderes públicos fazem alianças para o desvio do trânsito para a passagem da procissão, policiamento, montagem e desmontagem do palco onde é celebrada a missa do dia 4. É difícil afirmar que na segunda rede só há devotos da Santa, as ligações entre as pessoas podem até passar pela devoção, mas, certamente, envolvem outros aspectos.

#### **4. Patrimônio Material e Patrimônio Imaterial**

Salvador foi a primeira capital do Brasil. Por isso, sua relação com a metrópole foi diferente se comparada com as demais províncias. A cidade perdeu o título de capital no século XVIII por causa de uma conjuntura de crise econômica e política. Antes do declínio econômico do açúcar, o porto de Salvador era o mais importante da colônia, nele aportavam a mão de obra escravizada nas plantações de cana de açúcar.

Em 1984, o Centro Histórico foi tombado como Patrimônio Histórico Brasileiro, reconhecido no ano seguinte pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como Patrimônio Cultural da Humanidade. O contexto histórico que vive e viveu a cidade acarreta consequências para a população que faz uso desse espaço hoje. As políticas públicas de conservação nem sempre dialogam com os usuários dos prédios antigos. Pelegrini (2006) compara Lima e Pelourinho dois centros históricos que receberam o título de patrimônio pela Unesco.

Há diversos pontos de convergência entre as duas cidades, principalmente o deslocamento da população pobre e a manutenção insuficiente dos prédios antigos. Para a autora, em ambos os centros históricos, a preservação se limitou ao melhoramento estético dos monumentos, prédios e praça. Consequentemente, abriu-se um movimento de especulação imobiliária e de valorização da região que levou a demolições e resultou na expulsão de antigos moradores. Suas críticas são bem profundas:

Nessa região [Pelourinho], a pseudorrestauração se limitou à pintura externa dos sobrados, quando muito extensível ao interior do piso térreo dos edifícios que se transformaram em domicílios comerciais. Tanto em Lima, como no Pelourinho, a imposição do uso contemplativo das áreas comunitárias (praças, ruas e parques)



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

inibiu a preservação do significado original e a função que esses lugares haviam adquirido para a população local. A imposição de padrões burgueses no uso desses lugares da cidade intensificou a exclusão dos moradores pobres (PELEGRINI, 2006, p. 129).

No dossiê de candidatura, para o processo submetido à Unesco, o Centro Histórico é descrito a partir das edificações que são típicas da colonização portuguesa. Parte substancial das construções presentes nessa área são prédios religiosos (igrejas e conventos) do século XVI ao XVIII. Todavia, outras características também são levadas em conta, como por exemplo, o porto da cidade, que recebeu inúmeros africanos que serviram como mão de obra escrava; a estrutura cidade baixa e cidade alta; e a conservação das estruturas arquitetônicas (BRASIL, 1983).

As problemáticas dos bens materiais são diferentes das presentes nos bens imateriais. A Festa de Santa Bárbara é registrada como Patrimônio Imaterial do Estado da Bahia, inscrita desde 2008 no Livro do Registro Especial de Eventos e Celebrações. Mesmo entre os bens imateriais, há diferenças entre os que estão na dimensão estadual – como é o caso estudado – e os que estão na dimensão federal. A Constituição de 1988, especificamente os artigos 215 e 216, é um marco em relação ao registro de bens imateriais. Outra legislação que demarcou o espaço dos bens de natureza imaterial foi o decreto 3.551. Os aspectos referentes à valorização da cultura popular no Brasil, como por exemplo, a indígena, a afro-brasileira e suas características imateriais, são aprofundados no Decreto nº 3.551<sup>14</sup> do ano 2000, o Programa Nacional do Patrimônio Cultural Imaterial. Os documentos que tratam dos patrimônios nacionais não se aplicam aos da esfera estadual. Existem alguns pontos

---

<sup>14</sup> Há um grande conjunto de legislações patrimoniais, tanto no nível nacional quanto no internacional. Estamos diante de um assunto que envolve diversas dimensões sociais. Jacques Le Goff (2005) aponta que a preservação do patrimônio histórico, neste caso o patrimônio histórico imaterial, é vista, nos dias de hoje, majoritariamente como uma questão de cidadania e, como tal, interessa a todos, por se formar em direito essencial dos cidadãos e servir de base para a construção da identidade cultural. O reconhecimento legal dos patrimônios negros envolve uma questão de participação social que, num passado, foi negada à população negra, que está num longo processo de luta da população de cor, cujas conquistas estão associadas à valorização e ao reconhecimento oficial do papel dessa população na formação do país.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

em comum: o método de pesquisa (o inventário), o processo de revalidação do bem, entre outros.

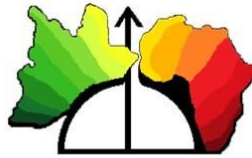
## 5. Considerações finais

Com o passar dos dias frequentando o Centro Histórico conheci pessoas que me apresentaram um território além dos disputados pelos turistas. Em uma tarde de quarta-feira, enquanto fazia minhas anotações no meu caderno de campo, uma recém-conhecida, hoje amiga, me chamou para assistir à apresentação de teatro de seu filho, na ocasião com 15 anos. Maura pegou na minha mão e fomos caminhando, no sobe e desce chegamos a um prédio antigo. Para além, da apresentação emocionante de garotas e garotos negros encenando sobre a violência e as lutas por cidadania conheci um outro universo daquele território: os diversos projetos sociais.

Ao sair das ruas principais é possível encontrar mais moradores em situações de vulnerabilidade e prostituição, mas também, projetos sociais cujas tônicas variam, por exemplo: artesanato, música, dança, teatro, reforço escolar. Projetos que funcionam com ou sem apoio dos poderes públicos.

Maura também me apresentou ao Movimento Sem Teto de Salvador e aos embates próprios de uma militante desse movimento em uma área que está no campo conflituoso das políticas patrimoniais. Tive a oportunidade de conhecer a casa dela que é em um prédio ocupado no Centro Histórico. De fato, fui além da primeira rua e assim tive novas experiências no Pelourinho.

Mesmo tentando fugir de toda e qualquer dicotomia estabilizadora, a cidade de Salvador, sobretudo o Centro Histórico, representa a complexidade da tradição e da modernidade. Os prédios coloniais, monumentos históricos, igrejas e conventos convivem, não sem conflito, com lojas de *grifs*, lojas de *souvenirs*, *hostels*, bares,



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

restaurantes, estes últimos direcionados para os indivíduos de classe média e alta. E também os poucos moradores que ainda resistem.

No ir e vir entre o tempo cotidiano e o tempo da Festa de Santa Bárbara, procurei problematizar os usos e as transformações desse território que é construído nas relações sociais cercadas por conflitos. Conflitos específicos de uma cidade que é Patrimônio Nacional e da Humanidade e de uma festa que é Patrimônio do Estado da Bahia.

## 6. Referências bibliográficas

AGIER, Michel. *Anthropologie du carnaval. La ville, la fête et l'Afrique à Bahia*. Marseille, Ed. Parenthèses/ IRD, 2000.

\_\_\_\_\_. *Antropologia das cidades: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2011.

BOTT, Elizabeth. *Família e rede social*. Tradução de Mário Guerreiro, revisão técnica de Alba Zaluar Guimarães, prefácio de Max Gluckman. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976.

BRASIL. *Constituição (1988)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

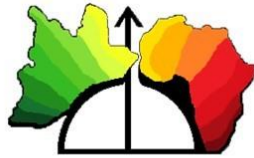
CASTELLS, Manuel. *O espaço de fluxos*. In: *A Sociedade em rede*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Corações Rastafari: lazer, política e religião em Salvador*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.

FEATHERSTONE, Mike. *Culturas da cidade e estilos de vida pós-modernos*. In: *Cultura de Consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FELDMAN-BIANCO, Bela. *Introdução*. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: UNESP, 2010.

FRUGOLI, Heitor Jr. SKLAIR, Jessica. *O bairro da Luz em São Paulo: questões antropológicas sobre o fenômeno da gentrification*. In: *Cuadernos de Antropología Social*, n.30, Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2009.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

INSTITUTO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Ministério da Cultura Decreto nº3.551 de agosto de 2000. Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, Brasília, DF: IPHAN, 2000.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2005.

MAYER, Adrian. A importância dos 'quase grupos' no estudo das sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo, Unesp, 2010.

McDOWELL, Linda. Género, identidad y lugar: un estudio de las geografías feministas. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000.

MITCHELL, Clyde. A dança Kalela: aspectos das relações sociais entre africanos urbanizados na Rodésia do Norte. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo: UNESP, 2010.

PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, nº 51, p. 115-140, 2006.

PINHO, Patrícia de Santana. Reinvenções da África na Bahia. Annablume, São Paulo, 2004.

REDFIELD. The folk society. American Journal of Sociology, vol. 52, n. 4. 1947.

RIBEIRO, Daniel de Albuquerque. Gentrification no Parque Histórico do Pelourinho. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, Salvador, 2011.

SANTOS, Jocélio Teles dos. O dono da terra: o caboclo nos candomblés da Bahia. Salvador: Sarah letras, 1995.